REVISTA

PEDAGOGIA COTIDIANO RESSIGNIFICADO

NOV 2026

Nº 02

VOL. 8

FLUXO CONTÍNUO

ISSN: 1982-7318



Formação

AIUI EDITORA

FFI FORMAÇÃO FACULDADE INTEGRADA

REVISTA

PEDAGOGIA COTIDIANO RESSIGNIFICADO

NOV 2026

Nº 02

VOL. 8

FLUXO CONTÍNUO

ISSN: 1982-7318



Formação

AIUI EDITORA

FFI FORMAÇÃO FACULDADE INTEGRADA

COPYRIGHT

REVISTA PEDAGOGIA COTIDIANO RESSIGNIFICADO

Produção:
Formação Faculdade Integrada
Formação Centro de Apoio à Educação Básica

Edição:
Maria Regina Martins Cabral
Jackeline Santos Tigre Magalhães

Conselho Editorial:
Alisson Vilas Boas
Betânia Barroso
Dermeval Santana de Araújo Filho
Elisa Maria dos Anjos
Gracineide Carvalho de Oliveira
Gabriel Santos de Castro e Lima
Hugo Victor
Ionny Bernadelly Barbosa
Nadya Cristina Guimaraes Dutra
Nadia Lígia Guterres dos Santos
Lícia Cristina Araújo da Hora
Leonardo José Pinho Coimbra
Maria Regina Martins Cabral
Miriam Santos de Sousa
Maria José Ordoñez
Raquel Pereira dos Santos
Vilma Ribeiro de Almeida
Zuleide Oliveira Barroso

Revisão de Texto:
Jackeline Santos Tigre Magalhães
Luana Fontenelle

Projeto Gráfico e Diagramação:
Alfa Agência de Marketing

F723R
Revista Pedagogia Cotidiano Ressignificado / Insituto Formação, FFI. V. 01, nº 07 (2026) - São Luís: FFI, Instituto Formação, 2026
v.02, n. 08, p.212
ISSN: 1982-7318
1. Educação - Períodicos. 2. Práticas Pedagógicas. Título.

CDD 370.5
CDU 37 (05)

É proibida a reprodução sem autorização dos editores.

DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS EM FESTAS QUILOMBOLAS: HIBRIDISMO COM ELEMENTOS MODERNOS E REAFIRMAÇÃO DA ANCESTRALIDADE

Dulciana de Melo Coelho[1] Gabriel Santos de Castro e Lima[2]

[1]Mestranda em Ciência da Educação, dulciana@audicon-ma.com.br
[2]Doutorando em Educação Física (USP), gabrielpslima5652@gmail.com

RESUMO

Este estudo investiga como as danças afro-brasileiras em festas quilombolas articulam tradição e modernidade na afirmação de identidades e ancestralidades. A metodologia qualitativa consistiu em revisão bibliográfica e análise de conteúdo para mapear o hibridismo cultural como estratégia de resistência e preservação identitária. Os resultados indicam que a incorporação de elementos urbanos e tecnológicos cria "terceiros espaços" em que o corpo negro atua como corpo-testemunho, promovendo a transmissão de saberes ancestrais. Conclui-se que o hibridismo reafirma a ancestralidade sem diluir tradições, consolidando a dança como arquivo vivo da memória quilombola. Evidenciam-se lacunas na produção acadêmica, como a concentração regional dos estudos, a predominância de abordagens descritivas e a escassez de pesquisas comparativas e participativas.

PALAVRAS-CHAVES: danças Afro-Brasileiras; hibridismo cultural; festas quilombolas; ancestralidade; corpo negro.

DANZAS AFROBRASILEÑAS EN FIESTAS DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS: HIBRIDISMO CON ELEMENTOS MODERNOS Y REAFIRMACIÓN DE LA ANCESTRALIDAD

RESUMEN

Este estudio investiga cómo las danzas afrobrasileñas en los festivales quilombolas articulan tradición y modernidad en la afirmación de identidades y ancestros. La metodología cualitativa consistió en una revisión bibliográfica y un análisis de contenido para identificar la hibridez cultural como estrategia de resistencia y preservación de la identidad. Los resultados indican que la incorporación de elementos urbanos y tecnológicos crea "terceros espacios" en los que el cuerpo negro actúa como testigo, promoviendo la transmisión del conocimiento ancestral. Se concluye que la hibridez reafirma la ascendencia sin diluir las tradiciones, consolidando la danza como un archivo vivo de la memoria quilombola. Se evidencian lagunas en la producción académica, como la concentración regional de estudios, el predominio de enfoques descriptivos y la escasez de investigación comparativa y participativa.

AFRO-BRAZILIAN DANCES IN QUILOMBOLA FESTIVALS: HYBRIDISM WITH MODERN ELEMENTS AND THE REAFFIRMATION OF ANCESTRALITY

ABSTRACT

This study investigates how Afro-Brazilian dances in quilombola festivals articulate tradition and modernity in the affirmation of identities and ancestries. The qualitative

methodology consisted of a literature review and content analysis to map cultural hybridity as a strategy of resistance and identity preservation. The results indicate that the incorporation of urban and technological elements creates "third spaces" in which the Black body acts as a body-witness, promoting the transmission of ancestral knowledge. It is concluded that hybridity reaffirms ancestry without diluting traditions, consolidating dance as a living archive of quilombola memory. Gaps in academic production are evident, such as the regional concentration of studies, the predominance of descriptive approaches, and the scarcity of comparative and participatory research.

Keywords: Afro-Brazilian dances; cultural hybridity; quilombola festivals; ancestry; black body.

1. INTRODUÇÃO

As danças afro-brasileiras constituem um campo privilegiado para compreender como comunidades negras, especialmente quilombolas, negociam entre tradição e modernidade na afirmação de identidades e ancestralidades (Moreira, 2019; Quero Bolsa, 2025). Tais danças, moldadas historicamente em contextos de violência colonial, escravização e resistência, condensam memórias de luta, experiências espirituais e modos de existir que foram sistematicamente subalternizados pelo projeto colonial e racista de nação (CESE, 2025; CONAQ, 2025). Nesse cenário, analisar as danças presentes em festas quilombolas permite acessar tanto a dimensão estética quanto a dimensão política de práticas corporais que atualizam a presença negra no território e na história (Santos; Pedroza; Almeida, 2021).

Nas festas quilombolas, práticas corporais ligadas a matrizes africanas se atualizam em contextos marcados pela expansão de mídias, tecnologias sonoras e referências da cultura pop, configurando dinâmicas de hibridismo cultural que combinam preservação e reinvenção (CPISP, 2020; Rezende, 2025). A circulação de gêneros musicais urbanos, o uso de equipamentos eletrônicos, a reconfiguração de coreografias e a participação ativa de jovens quilombolas produzem novas formas de celebrar que, ao mesmo tempo, dialogam com tradições ancestrais e com linguagens contemporâneas (CPISP, 2020; Doula, 2013). Esse movimento de atualização coloca em evidência a capacidade dessas comunidades de reelaborar referências externas sem abrir mão de seus marcadores identitários centrais, como a ancestralidade, o território e a memória da luta pela terra (CESE, 2025; CONAQ, 2025).

A literatura sobre danças afro-brasileiras destaca que manifestações como samba de roda, coco, jongo, maracatu, sussa, bolé, tambor de crioula e maculelê emergem de processos históricos de transposição e ressignificação de práticas corporais e musicais africanas no contexto da escravidão e do pós-abolição (Moreira, 2019; Quero Bolsa, 2025). Em comunidades quilombolas, muitas dessas danças articulam ritmos de tambores, cantos responsoriais, movimentos de roda e gestualidades codificadas que remetem a cosmologias africanas, aos trabalhos no campo, às devoções religiosas e às experiências de fuga e organização comunitária. Ao mesmo tempo, diferentes estudos registram manifestações locais, pouco conhecidas em circuitos nacionais, como o bolé e a sussa na comunidade Kalunga, ou danças com violino em quilombos do Baixo Amazonas, que complexificam a ideia de um repertório afro-brasileiro homogêneo (CPISP, 2020; Doula, 2013; Santos; Pedroza; Almeida, 2021; Silva, 2020).

Autoras e autores que discutem hibridismo cultural, inspirados em referenciais como Homi

Bhabha e Stuart Hall, evidenciam que as culturas negras da diáspora não se constituem como blocos estáveis e fechados, mas como formações históricas em permanente processo de tradução, negociação e mistura (Rezende, 2025). No campo da dança, ainda segundo Rezende (2025), pesquisas sobre a Técnica Silvestre e sobre danças negras da diáspora mostram que a incorporação de elementos de diferentes matrizes (clássica, contemporânea, afro-brasileira) não implica perda de identidade, mas criação de "terceiros espaços" de enunciação, nos quais o corpo negro afirma sua agência e reconfigura signos dominantes. Essa chave interpretativa é particularmente fecunda para pensar as festas quilombolas, onde convivem repertórios tradicionais, músicas de banda regional, gêneros urbanos e referências midiáticas, compondo tessituras híbridas de celebração e resistência (CPISP, 2020; Doula, 2013).

Ao tomar a ancestralidade como eixo, a produção teórica sobre corpo negro e memória enfatiza a noção de "corpo-testemunho", segundo a qual o corpo dançante se torna um arquivo vivo da história negra, incorporando tanto as marcas da violência colonial quanto os gestos de re-existência (Santos; Pedroza; Almeida, 2021). Em festas quilombolas, a coreografia não é apenas forma estética, mas modo de narrar a experiência coletiva: a cada festa, reatualizam-se episódios de sofrimento, fuga, conquista de terra, organização política e afirmação de direitos, muitas vezes articulados a devoções católicas, afro-brasileiras e de matriz indígena (CESE, 2025; Santos; Alves; Santos, 2019). A dança, nesse contexto, não apenas celebra, mas ensina, chama, cura e politiza, atuando como eixo de transmissão intergeracional de saberes ancestrais.

Diante desse quadro, o objetivo geral desta pesquisa é mapear na literatura científica as dinâmicas de hibridismo entre danças afro-brasileiras tradicionais e elementos modernos em festas quilombolas, com ênfase na reafirmação da ancestralidade negra. Para esse propósito, busca-se especificamente avaliar como o hibridismo cultural é mobilizado como estratégia de resistência e preservação identitária; analisar o papel das festas quilombolas na transmissão intergeracional de saberes ancestrais e discutir lacunas na produção acadêmica sobre o tema.

A presente pesquisa justifica-se pela relevância sociocultural, política e epistemológica das danças afro-brasileiras em contextos quilombolas, entendidas não apenas como expressões artísticas, mas como práticas de resistência, memória e afirmação identitária. Conforme destacado na introdução do estudo, essas manifestações corporais condensam experiências históricas marcadas pela escravidão, pela colonialidade e pela luta contínua por reconhecimento e direitos, constituindo-se como verdadeiros arquivos vivos da ancestralidade negra (CESE, 2025; CONAQ, 2025; Moreira, 2019).

Considerando as transformações contemporâneas nas festas quilombolas e a incorporação crescente de elementos modernos às danças afro-brasileiras, a seguinte questão central emerge: de que modo o hibridismo entre danças afro-brasileiras tradicionais e elementos modernos se configura, na perspectiva da antropologia da performance, como prática incorporada nas festas quilombolas, contribuindo para a atualização da ancestralidade negra, a construção identitária e a transmissão de saberes entre gerações?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão das danças afro-brasileiras, especialmente em contextos de festas quilombolas, exige o reconhecimento de sua inserção no campo mais amplo da diáspora africana. Segundo Hall (2003), as identidades culturais não são estáticas, mas

são construídas historicamente, a partir de deslocamentos, rupturas e processos contínuos de reconfiguração. Nesse sentido, as práticas culturais afro-brasileiras não devem ser lidas como resquícios fossilizados de um suposto "passado africano", mas como produções dinâmicas que emergem da interação entre diferentes matrizes culturais, religiosas e sociais, articulando memória e novas formas de pertencimento.

No campo dos estudos afro-brasileiros, Munanga (2019) destaca que a identidade negra no Brasil foi historicamente marcada por processos de negação, branqueamento e invisibilização, o que torna as manifestações culturais, como a dança, espaços privilegiados de resistência, visibilidade e afirmação. As danças afro-brasileiras, nesse contexto, operam como linguagens simbólicas que expressam pertencimento étnico, reconstroem vínculos com a ancestralidade africana e funcionam como dispositivos de confronto a narrativas hegemônicas de brancura e modernidade (Munanga, 2019; Santos; Pedroza; Almeida, 2021).

A noção de ancestralidade, por sua vez, constitui um eixo estruturante dessas práticas. Nascimento (2016) propõe que a cultura negra no Brasil deve ser compreendida a partir de uma perspectiva afrocentrada, na qual valores civilizatórios africanos — como coletividade, oralidade, espiritualidade e circularidade — desempenham papel central. Nas danças afro-brasileiras, esses valores se manifestam por meio de gestualidades, ritmos de roda, dinâmicas coletivas e relações de coro-líder, que atualizam saberes ancestrais e articulam passado e presente em uma mesma performance (Nascimento, 2016; Verdun; Da Rosa, 2022).

No âmbito das comunidades quilombolas, essas práticas ganham contornos específicos, articulando cultura, território, memória e identidade étnica. As festas quilombolas constituem espaços de sociabilidade, disputa simbólica e transmissão de saberes, nos quais a dança desempenha papel central na manutenção da memória coletiva e na reafirmação de vínculos com territórios historicamente disputados. Estudos sobre comunidades quilombolas sinalizam que essas manifestações funcionam como mecanismos de fortalecimento comunitário, de resistência frente às pressões externas e de reivindicação de direitos territoriais e culturais (Ferreira; Silva, 2022; Silva, 2020; Soares; Silveira; Silveira, 2024).

A análise dessas práticas demanda, ainda, uma compreensão ampliada do corpo. Martins (2021) propõe a noção de "corpo-tela" ou "corpo em performance" como arquivo vivo, no qual se inscrevem múltiplas temporalidades, experiências históricas e tensões sociais. A partir de autores que discutem o corpo como "corpo-testemunho", como observa-se em trabalhos recentes sobre técnicas de dança afro-diaspóricas, o corpo negro em movimento não apenas expressa, mas produz conhecimento, reconstituindo a história negra como experiência corporificada (Martins, 2021; Silva; Meira, 2026).

Outro conceito central para este estudo é o de hibridismo cultural. Bhabha (1998) discute que a cultura se constitui em um "terceiro espaço", marcado pela negociação, ambivalência e tradução, em que signos e práticas de diferentes matrizes se recombinam e geram novas formas de enunciação. No contexto das danças afro-brasileiras em festas quilombolas, o hibridismo se manifesta na incorporação de elementos contemporâneos – como músicas urbanas, tecnologias digitais e arranjos de dança contemporânea – sem que isso implique a perda de referências tradicionais, mas sim a sua resignificação (Rezende, 2025; Silva; Meira, 2026).

A perspectiva de Bhabha (1998) é complementada por Gilroy (2001), que, ao discutir o Atlântico Negro, evidencia a natureza transnacional e híbrida das culturas

afro-diaspóricas. Para o autor, essas culturas são atravessadas por fluxos, trocas e diálogos constantes, o que permite compreender as transformações nas danças afro-brasileiras como parte de um processo histórico mais amplo de circulação cultural, conectando comunidades quilombolas brasileiras a redes globais de referências.

No campo da educação e das práticas pedagógicas, estudos recentes indicam que as danças afro-brasileiras desempenham papel significativo na construção de identidades positivas, na valorização da cultura negra e na superação de epistemologias eurocêntricas. Experiências de formação de professores de dança, bem como práticas escolares quilombolas, mostram que essas práticas integram corpo, emoção e conhecimento, funcionando como dispositivos pedagógicos em territórios de matriz afro-brasileira (Martins, 2021; Oliveira, 2017).

Ademais, a noção de agência cultural é fundamental para compreender como as comunidades quilombolas se apropriam e ressignificam elementos externos. Conforme Rezende (2025), o hibridismo deve ser entendido como uma estratégia de produção de sentido, por meio da qual sujeitos historicamente subalternizados afirmam sua autonomia cultural, reformulam imagens estereotipadas e recriam signos dominantes nos "terceiros espaços" de enunciação. Nesse sentido, a presença de elementos modernos nas danças não representa descaracterização, mas sim adaptação, reinvenção e resistência política.

Dessa forma, o referencial teórico desta pesquisa articula os conceitos de identidade cultural, ancestralidade, hibridismo, corpo e agência, permitindo compreender as danças afro-brasileiras em festas quilombolas como práticas complexas, atravessadas por dimensões políticas, pedagógicas e simbólicas. A dança, neste quadro, aparece como modalidade de re-existência, reafirmação de saberes ancestrais e exercício de agência em contextos de territorialidade.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, com natureza descritiva e analítica, tendo como objetivo sistematizar e interpretar a produção científica acerca das danças afro-brasileiras em festas quilombolas, com ênfase nas dinâmicas de hibridismo cultural e reafirmação da ancestralidade negra. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador o acesso a um amplo conjunto de produções sobre o tema investigado. Nesse mesmo sentido, Lakatos e Marconi (2004) afirmam que esse tipo de pesquisa possibilita o exame de diferentes contribuições teóricas, favorecendo a análise crítica e a construção de novos enfoques interpretativos.

A abordagem qualitativa fundamenta-se na compreensão de que os fenômenos sociais e culturais demandam interpretações que considerem significados, valores e práticas simbólicas, não sendo passíveis de mensuração quantitativa (Minayo, 1992). Assim, busca-se analisar as danças afro-brasileiras enquanto práticas culturais complexas, inseridas em contextos históricos e sociopolíticos específicos.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de busca sistemática em bases de dados acadêmicas e repositórios digitais, a saber: Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online), Portal de Periódicos CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Foram utilizados descritores em língua portuguesa, combinados por operadores booleanos, com o intuito de ampliar a abrangência e a precisão dos

resultados. Entre os principais termos empregados, destacam-se: "danças afro-brasileiras", "quilombolas", "festas quilombolas", "ancestralidade", "hibridismo cultural", "corpo negro" e "performance".

Como critérios de inclusão, estabeleceram-se: publicações no período de 1992 a 2026, o que estabelece um gap de 28 anos; textos disponíveis na íntegra; produções que abordem diretamente o objeto de estudo ou seus eixos teóricos centrais; trabalhos acadêmicos reconhecidos, como artigos científicos, livros, dissertações e teses. E como critérios de exclusão, adotaram-se: duplicidade de registros; estudos que não apresentem aderência temática ao objeto da pesquisa.

A análise do material selecionado foi realizada em três etapas, conforme orienta Severino (2017): leitura exploratória, leitura seletiva e leitura analítica. Inicialmente, procedeu-se à leitura exploratória, com o objetivo de identificar a relevância das obras. Em seguida, realizou-se a leitura seletiva, priorizando os textos que apresentavam maior aderência aos objetivos da pesquisa. Por fim, a leitura analítica permitiu a sistematização das informações e a extração das categorias de análise.

Para o tratamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo temática, conforme proposta por Bardin (2011), que consiste em um conjunto de técnicas sistemáticas de análise das comunicações. O processo foi organizado em três fases: pré-análise, com organização do corpus e definição dos eixos analíticos; exploração do material, com identificação das unidades de registro e categorização; tratamento dos resultados e interpretação, com articulação entre os dados e o referencial teórico. As categorias analíticas foram definidas a priori, com base nos objetivos da pesquisa e no referencial teórico adotado, destacando-se: hibridismo cultural, ancestralidade, corpo e performance, festas quilombolas e agência cultural.

A escolha da revisão bibliográfica como procedimento metodológico justifica-se pela necessidade de compreender o estado atual das produções científicas sobre o tema, bem como identificar lacunas e tendências investigativas. Conforme Minayo (1992), a pesquisa qualitativa em ciências sociais permite aprofundar a compreensão de fenômenos complexos, especialmente aqueles relacionados à cultura e à identidade. Além disso, a utilização da análise de conteúdo possibilita uma abordagem sistemática e rigorosa do material, garantindo maior confiabilidade à interpretação dos dados (Bardin, 2011)..

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As dinâmicas de hibridismo cultural nas festas quilombolas articulam tradição e contemporaneidade sem diluir as referências identitárias negras. Na perspectiva de Hall (2003), práticas culturais diaspóricas renegociam influências diversas para reconstruir identidades, processo que se liga à agência dos sujeitos. Nesse sentido, Rezende (2025) argumenta que a Técnica Silvestre – dança de matriz afro que incorpora elementos da dança clássica e contemporânea – exemplifica como a integração de matrizes múltiplas torna-se uma "prática de resistência e autodefinição". Ao juntar referências clássicas, afro-brasileiras e contemporâneas num terceiro espaço híbrido, o corpo dançante afirma narrativas próprias, criando epistemologias contra-hegemônicas e recriando signos dominantes.

Casos etnográficos corroboram esse entendimento. No quilombo Kalunga (GO), Santos (2011) constatou que jovens ressignificam a dança tradicional sussa ao misturá-la com forró, apontando ter havido "um hibridismo cultural" onde se demarcaram "as relações entre tradição e modernidade". Em Cachoeira (BA), Tavares; Bassi; Cardoso (2006) descrevem a Festa da Ostra como um evento "inventado" em que identidades quilombolas são performadas

por meio de um novo assemblage de cultura popular – combinando rodas de samba de roda, teatro de rua e religiosidade de matriz africana – para evocar etnicidade e ancestralidade. Mesmo ao incorporar elementos urbanos (aparelhagens de som, coreografias contemporâneas), a festa reforça símbolos de luta e libertação, indicando que a cultura popular quilombola é dinâmica e transformadora. Na Amazônia, Carvalho; Portela (2021) mostram que, apesar da chegada de tecnologias sonoras modernas às festas de São Benedito, "nenhuma aparelhagem conseguiu acabar com o nosso modo de tocar e ver a festa", sinalizando a resistência ao apagamento cultural.

Como apontam Mello (2009) e Schiffler (2015), o hibridismo cultural nos quilombos rompe binarismos e valoriza a fluidez identitária: tradicionais e modernos convergem e se reinventam continuamente. A cultura híbrida quilombola é assim "dinâmica e transformadora", não conservadora. Os estudos confirmam que incorporar sonoridades urbanas ou trajes novos não implica descaracterização; ao contrário, essas fusões são apropriadas criativamente como estratégia de resistência e afirmação de identidade. Em síntese, o hibridismo nas danças afro- quilombolas atua como um modo de resistência política: ao elaborar "terceiros espaços" de enunciação, os corpos negros reafirmam agência histórica e preservam vínculos ancestrais mesmo no novo contexto sociocultural.

As festas quilombolas funcionam como arquivos vivos de memória e plataforma pedagógica. Danças, ritmos e rezas não são apenas celebrações estéticas, mas formas de narrar coletivamente experiências históricas. Como observa Santos; Alves; Santos (2019), "as danças e rezas são conservadas, cultivadas e passadas aos mais jovens", carregando símbolos e códigos que dão sentido à vida comunitária. Esse processo torna os mais velhos garantes de saberes tradicionais: em João Grande (PA), os mestres de tambor explicam que o instrumento "tem que continuar com os mais novos para a cultura não morrer". O tambor de louvação, em particular, é descrito como "elo de conexão ancestral, imprimindo ritmo e cadência à vida cotidiana", mostrando como a linguagem corporal e sonora do tambor perpetua cosmologias afro-amazônicas no cotidiano.

Carvalho; Portela (2021) enfatizam que a transmissão intergeracional é essencial para reafirmar a ancestralidade. Segundo eles, "a transmissão intergeracional de saberes torna-se essencial para preservar o tambor como patrimônio imaterial da comunidade, reafirmando sua centralidade na identidade quilombola". Em outras palavras, cada repique de tambor e cada cântico nas festas de São Benedito não apenas anuncia ritos religiosos, mas ensina os mais novos sobre história, devoções e valores comunitários. Esse aprendizado se dá principalmente por oralidade e vivência compartilhada, alinhavando gerações no resgate permanente das tradições. Na prática, jovens quilombolas aprendem e ensinam simultaneamente durante as festas: ao tocarem o tambor em louvor a São Benedito, "ensinam e, ao mesmo tempo, aprendem a se relacionar com outros sujeitos e outros saberes", criando uma interculturalidade interna marcada pela re-existência.

Nesse panorama, o papel das mulheres quilombolas nas práticas dançantes emerge como central, sobretudo em sua presença recorrente tanto como intérpretes quanto como guardiãs de saberes. Pesquisas etnográficas sobre comunidades quilombolas destacam que as mulheres são frequentemente articuladoras de festas e roda-peças, tendo responsabilidade na organização de toques de tambor, escolha de cantigas, delineamento de rodas e mediação entre gerações mais velhas e jovens (Silva, 2020). Segundo Silva; Fernandes; Menezes (2024) e Simplicio (2022), a dança, nesse cenário, não

se limita à expressão individual, mas assume dimensão comunitária, na qual o corpo feminino negro opera como "corpo-território", isto é, como suporte que contém memórias de trabalho, cuidado, resistência e espiritualidade, tendo a festa como espaço de re-narrativa dessas trajetórias.

Além disso, as festas atuam pedagogicamente ao dramatizar a identidade coletiva. Águas (2013) analisa festas em Mata Cavalo (MT) e conclui que ao encenar e expressar as identidades, é possível fortalecer o sentimento de pertencimento coletivo, algo fundamental em períodos de crise. Essa dimensão simbólica – presente em danças de Congada, maracatu, samba de roda etc. – reforça os laços comunitários e preserva memórias de resistência (Cardoso, 2006). Em suma, os rituais festivos quilombolas atualizam valores civilizatórios africanos (coletividade, espiritualidade) ao transmiti-los de geração em geração por meio do corpo em movimento e das práticas rituais. Dessa forma, o corpo dançante atua como arquivo vivo da ancestralidade (corpo-tela), marcando a passagem de conhecimentos enquanto celebra.

Apesar do crescimento recente de estudos sobre cultura quilombola, corpos negros e danças afro-brasileiras, a literatura ainda apresenta importantes lacunas temáticas, metodológicas e epistemológicas. Um primeiro ponto frágil é a discrepância geográfica: a maioria das publicações se concentra em comunidades do Nordeste (Bahia, Pernambuco, Maranhão) e Sudeste (Minas Gerais, São Paulo), enquanto regiões como o Norte (Pará, Amazonas) e o Centro-Oeste recebem atenção pontual e descontínua, o que dificulta a construção de um mapa nacional robusto das danças afro-brasileiras em festas quilombolas (Anjos, 2011; Silva, 2020).

Além disso, há forte predomínio de abordagens descritivo-etnográficas, com poucos trabalhos que articulam a análise de dança a debates contemporâneos em antropologia da performance, estudos de corpo e estéticas decoloniais. Ainda são escassas pesquisas que problematizam, de modo sistemático, a interseção entre dança, territorialidade, gênero e raça nas festas quilombolas, ainda que a literatura já reconheça essas dimensões como cruciais (Martins, 2021; Silva; Fernandes; Menezes, 2024). Outra lacuna reside na quase ausência de estudos comparativos entre festas quilombolas e outros contextos de dança afro-brasileira (como terreiros urbanos, escolas de samba, grupos de dança contemporânea afro-brasileira), o que limita a compreensão de como os mesmos cânones coreográficos e rituais se adaptam em contextos distintos (Rezende, 2025; Santos; Pedroza; Almeida, 2021).

Finalmente, a literatura ainda carece de trabalhos produzidos por pesquisadores quilombolas ou em parceria epistemológica com as comunidades, o que reforça a necessidade de desenvolver metodologias participativas, etnográficas e coreográficas que tomem a própria festa como espaço de co-produção de conhecimento. A produção disponível, ainda que cresça em volume, tende a privilegiar a dimensão descritiva em detrimento de análises críticas sobre como o hibridismo nas danças afro-brasileiras se relaciona diretamente com demandas políticas contemporâneas — como titulação de terras, reconhecimento de direitos e políticas de educação antirracista —, lacuna que justifica explicitamente a necessidade de revisões bibliográficas como a aqui proposta (Ferreira; Silva, 2022; Silva, 2020). Dessas brechas decorre a relevância de retomar o conjunto de publicações existentes articulando-as a um referencial de hibridismo, ancestralidade, corpo e agência, de forma a fortalecer a base teórica para pesquisas empíricas futuras e para a formulação de políticas públicas de cultura e educação que reconheçam a festa quilombola como espaço de resistência, aprendizagem e afirmação de identidades negras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do mapeamento da literatura científica, este trabalho evidencia que o hibridismo entre danças afro-brasileiras tradicionais e elementos modernos nas festas quilombolas não dissocia ancestralidade e contemporaneidade, mas as articula de forma política e pedagógica. Conforme indicam estudos de campo em comunidades quilombolas de distintas regiões do Brasil, a incorporação de músicas urbanas, tecnologias sonoras e arranjos coreográficos reformulados ocorre num "terceiro espaço" de enunciação, no qual práticas dançantes atualizadas mantêm como eixo central a memória da luta, a referência ao território e a reafirmação da identidade étnica negra. Nesse sentido, o hibridismo revela-se como estratégia de resistência, na qual a mudança de forma não implica renúncia ontológica, mas um procedimento de apropriação e reformulação de referências externas à luz de cosmologias e valores inerentes às comunidades quilombolas (Gilroy, 2001; Mello, 2009).

As festas quilombolas emergem, nesse contexto, como espaços de transmissão intergeracional de saberes ancestrais, nos quais a dança atua simultaneamente como celebração, ritual, pedagogia e político-simbólico. A presença reiterada de corpos idosos, jovens e crianças em rodas, congados, maracatus, samba de roda, tambor de crioula, maculelê e sussa evidencia que a coreografia não é apenas acheiro estético, mas forma de narrar e ensinar a história coletiva, articulando episódios de escravidão, escape, organização comunitária e resistências contemporâneas por direitos e territórios. Como evidencia Martins (2021) e Moreira (2019), nesse processo, o corpo dançante funciona como "corpo-tela" ou "corpo-testemunho", no qual se inscrevem temporalidades múltiplas e saberes que atravessam a oralidade, a musicalidade e a gestualidade, reforçando a centralidade da ancestralidade negra na configuração identitária quilombola.

Apesar dos avanços, a produção acadêmica sobre danças afro-brasileiras em festas quilombolas ainda apresenta lacunas relevantes. Persiste marcada desigualdade geográfica, com predomínio de estudos sobre comunidades do Nordeste e Sudeste, ao passo que regiões como o Norte e o Centro-Oeste têm visibilidade pontual e dispersa. Há, ainda, forte concentração em abordagens descritivo-etnográficas, que tratam a dança como objeto de documentação, em detrimento de análises articuladas à antropologia da performance, ao estudo de gênero, raça, territorialidade e estéticas decoloniais (Martins, 2021; Silva; Fernandes; Menezes, 2024). Simplicio (2022) frisa a escassez também de estudos comparativos entre festas quilombolas e outros contextos de dança afro-brasileira, além de pesquisas conduzidas ou coproduzidas por sujeitos quilombolas, o que limita a diversificação de perspectivas epistemológicas no campo.

Diante disso, a presente revisão destaca a necessidade de fortalecer a articulação entre hibridismo, ancestralidade, corpo e agência, de modo a aprofundar o entendimento das festas quilombolas como práticas de resistência, educação e política identitária. Ao mesmo tempo, abre caminho para futuras investigações empíricas e para a elaboração de políticas públicas de cultura, educação e direitos territoriais que reconheçam a dança afro-brasileira como dispositivo central na re-existência, na transmissão de saberes ancestrais e na construção de identidades negras em contextos quilombolas.

REFERÊNCIAS

ÁGUAS, C. L. P. **Festa, fronteira e resistência: o território flutuante do Congo**. Raízes, v.33, n.2, jul-dez /2013.

ANJOS, R. S. A. dos. **A África brasileira: população e territorialidade.** Acervo, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 147–164, 2011. Disponível em: https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/14. Acesso em: 19 abr. 2026.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARDOSO, S. A. **Cultura popular e resistência: a experiência dos pontos de cultura.** 2006. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1102/2/20264278.pdf. Acesso em: 15 mar. 2026.

CARVALHO, L. G.; PORTELA, L. J. P. **Presenças negras e as festas de são benedito no baixo amazonas.** (SYN)THESIS, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 46–57, 2021. DOI: 10.12957/synthesis.2020.63162. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/63162. Acesso em: 19 abr. 2026.

CESE. **Quilombolas: história, direitos e desafios.** 4 ago. 2025. Disponível em: https://cese.org.br/blog/quilombolas-historia-direitos-e-desafios/. Acesso em: 10 mar. 2026.

CONAQ – COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS. **Maculelê: dança que une a preservação da ancestralidade e a forma de protesto quilombola.** Brasília, DF, 6 fev. 2025. Disponível em: https://conaq.org.br/maculele-danca-que-une-a-preservacao-da-ancestralidade-e-a-forma-de-protesto-quilombola/. Acesso em: 16 mar. 2026.

CPISP – COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. **Tradições, festas e lazer.** São Paulo, 21 jul. 2020. Disponível em: https://cpisp.org.br/quilombolas-em-oriximina/quem-sao-como-vivem/tradicoes-festas-e-lazer/. Acesso em: 16 mar. 2026.

DOULA, S. **Família, escola e juventude nos debates sobre a cultura contemporânea.** Educação em Revista, v. 29, n. 1, p. 305-310, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/zSnw9g5s7r5PcgrhwRNmY8n/?format=html&lang=pt. Acesso em: 17 abr. 2026.

FERREIRA, T. J.;SILVA, M. C. P. **Poética do movimento e interculturalidade quilombola: corpo e danças decoloniais na perspectiva freireana.** Práxis Educativa, Ponta Grossa , v. 17, e2218536, 2022 . Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092022000100414&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 abr. 2026. Epub 23-Fev-2022. https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.17.18536.018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Editora 34, 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hK0rSaaO_

dAC&oi=fnd&pg=PA9&dq=GILROY,+P.+O+Atl%C3%A2ntico+negro:+modernidade+e+dupla+consci%C3%AAncia.+Editora+34,+2001&ots=BSO8lo8_

W5&sig=ouGQptBlBOR1BktY9OiyxXM80yc&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 17 mar. 2026.

HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2004.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=2ixQEAAAQBAJ&lpg=PT8&ots=VUCIVnZM7R&dq=MARTINS%2C%20L.%20M.%20Performances%20do%20tempo%20espiralar%3A%20po%C3%A9ticas%20do%20corpo-tela.%20Rio%20de%20Janeiro%3A%20Editora%20Cobog%C3%B3%2C%202021.&lr&hl=pt-BR&pg=PT8#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 18 abr. 2026.

MELLO, M. M. **Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola**. 2009. https://doi.org/10.1590/S0104-93132009000200010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mana/a/DhhBSvWpNjKxFKfLkw6MMhM/?lang=pt . Acesso em: 18 abr. 2026.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** In: O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 1992. p. 269-269.

MOREIRA, R. **Dança afro no Brasil. Portal MUD – Museu da Dança,** São Paulo, 7 nov. 2019. Disponível em: https://portalmud.com.br/portal/museu-da-danca/danca-afro-no-brasil/. Acesso em: 16 mar. 2026.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Autêntica Editora, 2019. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=23KfDwAAQBAJ&lpg=PT17&ots=lsBQzXBEEu&dq=MUNANGA%2C%20K.%20Rediscutindo%20a%20mesti%C3%A7agem%20no%20Brasil%3A%20identidade%20nacional%20versus%20identidade%20negra.%20Petr%C3%B3polis%3A%20Editora%20Vozes%2C%201999.&lr&hl=pt-BR&pg=PT17#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 16 mar. 2026.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Editora Perspectiva SA, 2016. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=8KFBDgAAQBAJ&lpg=PT4&ots=ICaYgHfVvQ&dq=NASCIMENTO%2C%20A.%20O%20genoc%C3%ADdio%20do%20negro%20brasileiro%3A%20processo%20de%20um%20racismo%20mascarado.%20S%C3%A3o%20Paulo%3A%20Perspectiva%2C%202016.&lr&hl=pt-BR&pg=PT4#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 14 abr. 2026.

OLIVEIRA, I. V. **Ser quilombola: práticas curriculares em educação do campo.** Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador , v. 26, n. 49, p. 139-154, ago. 2017 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432017000200139&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 abr. 2026. https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v26.n49.139154.

PEREIRA, C. C. M. et al. **Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantarense de Itamatatiua.** 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3982 . Acesso em: 17 mar. 2026.

QUERO BOLSA. **Dança afro-brasileira: herança cultural, identidade e resistência.** São Paulo, 09 agosto 2025. Disponível em: https://querobolsa.com.br/enem/conhecimento-geral/danca-afro-brasileira. Acesso em: 14 mar. 2026.

REZENDE, A. B. C. **Do Terceiro espaço à encruzilhada: hibridismo cultural e agência nas danças negras da diáspora.** Revista Ñanduty, [S. l.], v. 13, n. 21, p. 216–232, 2025. DOI: 10.30612/nty.v13i21.19501. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/19501. Acesso em: 16 mar. 2026.

SANTOS, B. M. S.; ALVES, R. C. D. P.; SANTOS, S. S. **Memória e transmissão oral dos saberes quilombolas. XVenecult encontro de estudos multidisciplinares em cultura.** Bahia. 2019. http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111933.pdf. Acesso em: 16 abr. 2026.

SANTOS, M. P. O. As representações sociais das práticas corporais na comunidade kalunga–go. 2011. Tese de Doutorado. **Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília.** Disponível em: https://listasconfef.org.br/arquivos/2019/com/dissertacoes/Marcos_Paulo.pdf. Acesso em: 19 abr. 2026.

SANTOS, R. C.; PEDROZA, R. S.; ALMEIDA, D. M. F.. **A dança e seus significados na comunidade Quilombola Kalunga em Goiás/Brasil: Inexistente.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 24, 2021. DOI: 10.5216/rpp.v24.65166. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/65166. Acesso em: 19 abr. 2026.

SCHIFFLER, F. M. **Hibridismo e performatividade na cultura popular quilombola.** VI ENCONTRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E MÚSICA. Espirito Santo, 2015. Disponível em: https://redemusicom.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/08/vi-musicom_mesa-a-mucc81sica-enquanto-universo-de-saberes-e-comunicaccca7occ83es.pdf#page=23. Acesso em: 17 abr. 2026.

SEVERINO, AJ. **Metodologia do trabalho científico.** Cortez editora, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=uBUpDgAAQBAJ&lpg=PT4&ots=aJv1hp1XX0&dq=SEVERINO%2C%20Ant%C3%B4nio%20Joaquim.%20Metodologia%20do%20trabalho%20cient%C3%ADfico.%2024.%20ed.%20S%C3%A3o%20Paulo%3A%20Cortez%2C%202017.&lr&hl=pt-BR&pg=PT4#v=onepage&q=SEVERINO,%20Ant%C3%B4nio%20Joaquim.%20Metodologia%20do%20trabalho%20cient%C3%ADfico.%2024.%20ed.%20S%C3%A3o%20Paulo:%20Cortez,%202017.&f=false. Acesso em: 17 abr. 2026.

SILVA, C. H. V.; MEIRA, R. B. **Epistemologias do axé: corpo, memória e de (s) colonialidade na dança afro-brasileira.** 2026. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/48566. http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.269. Acesso em: 18 abr. 2026.

SILVA, D. M. **A dança bolé enquanto patrimônio cultural da comunidade quilombola kalunga do mimoso-arraias/paranã-to.** 2020. Disponível em: http://hdl.handle.net/11612/2649. Acesso em: 15 abr. 2026.

SILVA, L. S. P.; FERNANDES, S. L.; MENEZES, J. A. **O terra-corpo-território e o dançar de jovens negras quilombolas.** Rev. psicol., Santiago , v. 33, n. 1, p. 65-76, jun. 2024 . Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-05812024000100065&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 19 abr. 2026. http://dx.doi.org/10.5354/0719-0581.2024.71549.

SIMPLICIO, N. V. **A constituição de identidades de mulheres quilombolas: território, relações étnico-raciais e culturais.** 2022. Disponível em: https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/624e661a-40bf-4a22-a0a3-dd7c8e547652/content. Acesso em: 19 mar. 2026.

SOARES, R. L.; SILVEIRA, M. Íris C. M. da; SILVEIRA, P. R. C. da. **Por uma Educação Física antirracista: estratégias de ensino para o conteúdo de danças afro na formação docente**. Revista Digital do LAV, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e13/1–21, 2024. DOI: 10.5902/1983734888086. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/88086. Acesso em: 18 abr. 2026.

TAVARES, F.; BASSI, F.; CAROSO, C. Patrimônio festivo, étnico e terapêutico: religiões afro-brasileiras e cultura quilombola. **Vivência: Revista de Antropologia,** [S. l.], v. 1, n. 55, 2020. DOI: 10.21680/2238-6009.2020v1n55ID23535. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/23535. Acesso em: 19 abr. 2026.

VERDUN, P.; TELLES, T. C. K.; DA ROSA, L. R. L. **Dança afro-brasileira: memória, ancestralidade, corpo e contemporaneidade.** SAPIENS UNILASALLE 2022, p. 51. Disponível em: https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/3670/3/AF-Sapiens-V2-2022-2023.pdf#page=51. Acesso em: 17 mar. 2026.



REVISTA PEDAGOGIA COTIDIANO RESSIGNIFICADO

NOV 2026
Nº 02
VOL 8

FLUXO CONTÍNUO



Formação
AIUI EDITORA
FFI FORMAÇÃO FACULDADE INTEGRADA